

PANEGYRICO

AO EXCELLENTISS. E REVERENDISS. SENHOR

D. T H O M A Z
D E A L M E I D A ,

Principal da Santa Igreja Occidental,
do Concelho de Sua Magesta-
de, &c.

COMPOSTO POR

D. J O Z Ê B A R B O S A ,
Clerigo Regular.

*Examinador das Tres Ordens Militares , e Synodal do Pa-
triarchado , Chronista da Serenissima Casa de Bragança,
e Academico Real do numero da Historia Portuguesa.*



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA,
Impressor do Duque Estrabeiro mór.

Anno de 1739.

Com todas as licenças necessarias.

P A N E G Y R I C O

AO EXCELLENTISS. E REVERENDISS. SENHOR

D. T H O M A Z
DE ALMEIDA.Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Quem disse que as Virtudes
eraõ o premio de si mesmas,
fallou com tanta eloquencia,
como verdade. Naõ se podia
declarar melhor a excellencia da vir-
tude , porque o mundo por mais
que se pretenda mostrar generoso,
nunca lhe soube dar o premio me-
recido. A esfera do mundo sempre
he limitada : a esfera das Virtudes
he quasi infinita , e naõ pòde corres-
ponder o que he limitado ao que de
algum modo he infinito. As Virtu-
des ou são infusas , ou são adquiri-
das : as infusas são graça sem mere-
cimento proprio : as adquiridas são
effeito do tempo , e como este na

A ii

pessoa

peessoa de V. Excellencia he ainda
taõ pouco , as suas Virtudes mais
parecem infusas , do que adquiridas.
De qualquer destes dous modos ,
que seja , tem V. Excellencia em si
mesmo o premio do seu mereci-
mento , ja que as Virtudes ou por
desconhecidas , ou por elevadas naõ
tem o premio , que se lhes deve.

Nasceo V. Excellencia na Ci-
dade de Lisboa em 20. de Setembro
de 1706. Teve a felicidade de ser
filho do Excellentissimo Senhor D.
Luiz de Almeida III. Conde de A-
vintes , do Conselho de Sua Mage-
stade , Mestre de Campo de Almei-
da , e do Terço da Guarnição de S.
Juliaõ da Barra , Governador interi-
no do Algarve , General de Batalha ,
Gentilhomem da Camera do Senhor
Infante D. Francisco , e seu Estribe-
ro môr , e da Excellentissima Senho-
ra D. Joanna Antonia de Lima. Por
hum , e por outro lado he tanto o
sangue

sangue illustre , que lhe anima as
veyas , que bastará saber-se, que pe-
lo paterno he Almeida, e Lima pe-
lo materno , a que se unio o Real
sangue de Borbon , e o illustrissimo
de Cardaillac , para com tão gene-
rosas correntes se formar em V. Ex-
cellencia hum Oceano de Fidalguia.

Algumas Familias grandes são
como os rios , a que se ignora a ori-
gem; a humas pela antiguidade , a
outras pela confusão dos escriptores:
poucas haverá que não estimassem
muito adoecer deste achaque. Daõ
vulgarmente principio os Genealo-
gicos a esta nobilissima Familia em
Fernando Alvares de Almeida. Po-
rém eu seguindo outras memorias,
que me parecem dignas de toda a
fé pela authoridade dos que as escre-
vem, digo que este Fidalgo foy fi-
lho de Pedro Fernandes de Almei-
da , neto de Fernando Pires de Al-
meida , Alcaide mór de Aveiro, bis-
neto

neto de Pedro Paes de Almeida, que seguindo ou como fiel, ou como Official da sua Real Casa as partes de ElRey D. Sancho II. se retirou com elle para Castella, e depois da sua morte voltou para o Reyno; terceiro neto de Payo Guterres de Almeida, valeroso companheiro de ElRey D. Sancho I. sendo ainda Infante, na batalha do Arganhal, que por ganhar aos Mouros o Castello de Almeida, tomou o appellido de acção tão valerosa, como ja o fizeraõ alguns Romanos, e na India D. Jorge de Menezes, e Antonio Correa, hnm com o nome de Baroche, e o outro com o de Baharèm. Foy tão estimada a Conquista desta Praça, que o agradecimento publico deu ao animoso Conquistador o appellido de Almeidaõ, como declarando na augmentação a grandeza do seu valor. Era Payo Guterres o Almeidaõ filho de Sueiro Paes, neto de
de

de Pelayo Amado , Fidalgo principal da Corte do Conde D. Enrique, que deixou eternizada a sua piedade na reedificação do antiquissimo Mosteiro de Bouro , e casou com D. Munia, ou Marinha Viegas.

Daqui se argumenta que a Familia dos Almeidas he mais antiga, que a Coroa Portugueza na linha dos Principes hereditarios, e Reynantes do seu Trono, porque o Ermitaõ, que vivia no Campo de Ourique, e que avizou ao Principe D. Affonso do feliz, e estranho prodigio, de que havia de ser testemunha, se chamava Leovigildo Pires de Almeida. Só hum Almeida devia de ser o Precursor da Monarchia Portugueza, e parece que por esta razão tomou esta grande Familia por empresa particularmente sua sustentar a gloria deste Reyno com o preço nobilissimo do seu valor, e do seu sangue. Confessaraõ esta verdade

de os Reys, e o Reyno, huns coroados de louros pelas victorias, que lhes alcançaraõ os Almeidas; o outro, ou dilatado, ou restituído a seu legitimo Senhor. Não sey se foy a agradecimento, ou felicidade desta Familia dos Almeidas descobrir nella a real attenção dos Principes, Vassallos, que pudessem dar principio a dignidades, e occupações grandes do Reyno, porque sabemos que D. Francisco de Almeida foy o primeiro Vizo-Rey da India, D. Garcia de Almeida, não sendo Ecclesiastico, o primeiro Reytor da Universidade de Coimbra depois de ultimamente trasladada de Lisboa para aquella Cidade: D. Pedro de Almeida o primeiro Presidente do Senado da Camera de Lisboa, e o Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Thomaz de Almeida Patriarca desta Corte em tudo o primeiro, ou se attenda ao nome, ou à dignidade.

Ver-

Verse-ha o Estado da India augmentado , defendido , e desaggravado com o sangue valeroso dos Almeidas. Verse haõ as pedras da famosa Dio ainda quentes com o sangue , que derramaraõ estes Fidalgos, desprezando generosamente as vidas em obsequio da Coroa. Verse-ha todo aquelle Estado regado com o sangue desta Familia, que buscava com intrepida ambição os perigos da Asia para satisfazer aos animos, e fieis impulsos dos seus peitos. Por isso aquella illustre Dio , que foy o theatro das mayores factanhas dos Portuguezes , teve por Capitães a D. Francisco, a D. Pedro, a D. Diniz, a D. Diogo, a D. Lopo, e a outro D. Diogo de Almeida , porque o seu formidavel appellido havia de fazer taõ respeitadas aquellas muralhas, que se lhes naõ atreveria todo o odio dos inimigos Orientaes. Tudo parece que lhes infun-

B

dia

dia aquelle appellido , que honrou,
e se vio honrado no illustre Capitaõ,
e primeiro Vizo-Rey da India Por-
tugueza o Grande D. Francisco de
Almeida , que depois de merecer
pelo valor, que mostrara na Guerra
de Granada, a extraordinaria mercè
de comer à mesa com ElRey Dom
Joaõ o II. na Villa de Alcouchete ,
o mandou ElRey D. Manoel gover-
nar o Estado do Oriente , que ha-
via poucos annos tinha descoberto
ao Occidente o famoso D. Vasco da
Gama.

Matarão-lhe os Rumes em hu-
ma batalha naval a seu filho unico
D. Lourenço de Almeida , que ha-
via de ser o herdeiro da sua Casa ,
como ja o era do seu valor , e me-
ditando aquelle magoado Pay huma
vingança proporcionada à grandeza
da sua dor, preparou a Armada (em
cujas forças sustentou sempre que
se havia de conservar o respeito das
nossas

noſſas armas , e não em grande numero de Fortalezas) deu à vèla , e junto a Dio aviſtou os inimigos , e ſe começou huma das mais horroſas batalhas , que vio o mundo. Favoreceo o valor , e a razão a ſua cauſa , e vendo o mar tinto em ſangue , cuberto de cadaveres , e de moribundos , humas nàos deſtroçadas , outras hindoſe a pique , e vagando muitas ſem governo á diſcrição das ondas , não ſe lhe applacava a ira , e acendendo-lhe a colera o meſmo eſtrago , e a meſma mortandade , que via , deſejava derramar todo o ſangue do Oriente por victima da ſua indignação.

Naõ ſentia a morte do filho , porque ficaffe devendo nada à obrigação de Heròe ; ſentia como homem , em quem eraõ naturaes os affectos de Pay ; mas como Portuguez , e Almeida ſentia mais a injuria , do que o deſtroço do noſſo poder.

der. Venceo , e venceria a todo o mundo , se o tivera presente. Porém no Cabo da Boa Esperança nas areas incultas da Agoada do Saldanha acabou desgraçadamente aquella vida , a que serviraõ de glorioso despreso os Mouros da Asia , e de Granada. Não distinguio o animo ao filho do Pay , distinguio-os a differença da morte , porque D. Lourenço morreo pelejando , e D. Francisco morreo defarmado , sem que se pudesse vingar. Mas a ambos lhes servirà de premio a virtude , porque em si mesma tem a mais nobre satisfação do seu preço.

Verse-ha outro Marte em seu Irmão D. Diogo Fernandes de Almeida , Prior do Crato , e se a celebrada Ilha de Rhodes ainda fosse a Corte da Religiaõ de Malta , ella seria testemunha das suas façanhas. Ella diria que este só Cavalleiro no Golfo de Macri seguindo por ordem
do

do Graõ Mestre Frey D. Aymerico de Amboise as Galez dos Turcos, que se retiravaõ soberbos com hum preza, mayor pela afronta, que pelo dano, hia taõ picado, que adelantandose com a sua Galè a todo o corpo da Armada, que o seguia, se vio cercado dos inimigos, e taõ valerosamente pelejou, que se recolheo a Rhodes com onze Galez rendidas. Diria que em remuneraçaõ das suas proezas o chamou o Pontifice a Roma, e o tratou com as honras, que merecia a grandeza da sua fama. Diria que encontrando-se com hum poderosa, e bem armada naõ de Turcos, felizmente a rendeo a pezar de hum obstinada resistencia, experimentando neste conflicto hum evidente prova do favor divino, porque cahindo duas vezes ao mar com o furor da batalha, hum invivivel maõ o livrou do naufragio, a que fazia infallivel o pezo das armas.

Mas

Mas o que não podem dizer as pedras de Rhodes , escrava hoje da tyrannia Ottomana , diz a verdade agradecida dos Historiadores daquella militante, e sempre vencedora Religião.

Verse-hão muitas Fortalezas de Africa governadas pelos Almeidas , e regadas as suas Campanhas com o seu sangue , como entre outras muitas o vio Alcacere no dia infelicissimo quatro de Agosto de 1578. em D. Duarte de Almeida , e em seu filho D. Lopo de Almeida mortos naquella fatal ruina da Monarchia Portugueza.

Nem todos seguirão a guerra , porque esta Familia deu muitos Embaixadores ao Imperio , a Inglaterra, e a Olanda , Vedores da Fazenda, e Casa Real, Ayos aos Infantes, Guardas-Mores aos Reys , e ao Estado prudentissimos Conselheiros ; e bastará dizer que passando ElRey
D.

D. Sebastião a sepultar em Africa toda a gloria do seu Reyno, ordenou que D. Antonio de Almeida não fahisse de Lisboa, como quem entendia, que segurava a conservação da Corte com a prudencia, e authoridade de tal pessoa, ou que hum só Almeida bastava para reparar a ruina de todo Portugal.

A esta fidelissima, e valerosissima Familia deve Portugal hum grande parte da sua desejada liberdade, porque D. Miguel de Almeida, a quem faziaõ mais veneravel oitenta annos de idade, foy o primeiro, que com a espada na mão aclamou Rey a D. João VIII. Duque de Bragança, e a sua boca foy a porta, por onde se abrião as felicidades de Portugal: a cujo zelo, e valor agradecida aquella Magestade suscitou na sua pessoa o titulo de quarto Conde de Abrantes, como bisneto de D. João de Almeida segundo Conde da-

daquella Villa, e lhe deu os honoríficos, e merecidos lugares de Conselheiro do Estado; Mordomo Mór da Rainha, e Vedor da Fazenda Real.

Misteriosamente parece que se unio a Casa de Avintes com a de Villa-Nova de Cerveira, porque a sua origem sobre antiga, he tão illustre, que D. Fernando Ayres Baticella, tronco desta Familia, era ja hum Fidalgo de tanto esplendor, que casou com Dona Teresa, filha de D. Bermudo Peres da Trava, e de sua mulher a Infanta D. Urraca Enriques, filha do Conde D. Enrique, e da Rainha Dona Teresa, nobreza tão grande, que póde satisfazer a mayor vaidade. Deste casamento se foraõ deduzindo por continuada baronia os Senhores desta nobilissima Casa até seu decimo terceiro neto D. Francisco de Lima, quinto Visconde de Villa-Nova de Cerveira,

ra, que na falta de Varaõ successor da antiguidade de sua grandeza, e Estados, casou sua filha herdeira com Luiz de Brito, e Nogueira, Senhor dos Morgados de São Lourenço, e São Matheus de Beja, e foy o VI. Visconde.

Quem reparar na adusta Africa, a verà fertilizada com o sangue do quinto Visconde D. Francisco de Lima, e de D. Diogo Lopes de Lima, mòrtos como fieis, e valerosos Vassallos na presença de seu Rey D. Sebastião. Conhecerà hum D. Jeronymo de Lima, que illustrou com as suas acções esta região, e a da Asia, e deu taes provas de valor em companhia do Scipião Portuguez daquella idade o Conde Prior Capitão de Ceuta, que em huma arriscada occasião, morto o cavallo, se vio derribado, e feria sem duvida cativo dos inimigos, se o não soccorrera aquelle intrepido Cavalleiro,

C

a quem

a quem o Conde Prior , como Fidalgo , e valeroso , agradecia publicamente o beneficio da sua liberdade. Passou depois à India , aonde servio com o Governador Nuno da Cunha na tomada de Quiloa , e na de Goa com o terror da Asia o incomparavel Albuquerque , e cahindo mortalmente ferido, e soccorrendo-o seu Irmaõ D. Joaõ de Lima, elle lhe respondeo animosamente, que fosse adiante servir a ElRey, porque elle ficava ja no seu lugar satisfazendo à obrigação de quem era.

Seguirão-no espiritos militares D. Joaõ de Lima, famoso defensor de Calecut , Jorge de Lima, Capitão de Chaul , D. Duarte, morto na Costa do Malabar, D. Antonio, D. Francisco , e outro do mesmo nome, Capitão de Ormus , D. Diogo de Lima, Capitão de Cochim, que approvou a briosa resolução de D. Enrique de Menezes o Roxo, Governador

vernador da India no desembarque em Calecut , em cujo sitio morre-
raõ a ferro D. Duarte , e D. Joaõ de
Lima. Que direy de D. Manoel de
Lima , que com quinhentos Portu-
guezes foy huma illustre parte da
grande batalha de Dio , e de cujo
valor foraõ arrazadas testemunhas
Antote , Goga , e Gandar? De hum
D. Paulo de Lima, Capitaõ de Chaul,
que fez acções taõ heroicas em ob-
sequio do Imperio Asiatico , que
Diogo do Couto, Chronista Mõr do
Estado da India , lhe escreveo a vida
em volume separado , e voltando
para o Reyno , morreo de sede na
Cafraria , porque lhe faltava o san-
gue dos Mouros do Oriente.

Naõ foraõ inferiores os des-
cendentes deste nobilissimo Tronco
na Europa , porque o primeiro Vis-
conde D. Leonel de Lima foy o Ca-
pitaõ , que alcançou mayor nume-
ro de victorias nas Guerras de ElRey

Cii

D.

D. João o I. Achouse com os Infantes em Tangere, e com ElRey D. Affonso V. quando ganhou Alcace-re, e Arzilla. Fernando de Lima foy taõ valeroso, que affirmava delle o Principe perfeito D. João o II. de quem foy Copeiro mór, que com huma lança, e huma adarga na mão fazia conhecido excessõ a muitos, e que para qualquer grande acção só a elle o elegeria por companheiro. Testemunho verdadeiramente digno da mayor veneração por ser de hum Rey, que no valor fez a todos os Principes a mesma differença, que lhes fez na politica. Ainda em os nossos tempos vimos a D. Diogo de Lima IX. Visconde de Villa Nova de Cerveira, que depois de se graduar Doutor em Theologia na Universidade de Coimbra, sendo Collegial do Collegio Real, com a herança da Casa seguiu as armas, que governou na Provincia de EntreDouro,

ro, e Minho, e foy Conselheiro do Estado, Estribeiro Môr de El-Rey D. Affonso VI. e Presidente da Junta do Commercio.

De tão illustres, e generosos Ascendentes se formou a linha paterna, e materna de V. Excellencia, que veyo à luz do mundo, como ja disse, em 20. de Setembro de 1706. Se se examinaõ, e observaõ com escrupulosa attençaõ os dias dos nascimentos para delles se levantarem figuras, e se prognosticarem os successos da vida, grandes circumstancias concorreraõ em o nascimento de V. Excellencia, porque o dia 20. de Setembro era venerado pelos discipulos de hum Filosofo, porque nelle havia nascido seu Mestre, julgando como prudentes, que merecem particular distincçaõ aquelles dias, em que nascem os grandes homens, porque elles são os que honraõ os dias com a nobreza das suas

suas acções. Neste dia, conformando-me agora com a opinião de alguns, nasceo Romulo, que abriu os alicesses àquella Cidade, que com o progresso do tempo se fez Senhora do mundo, e como para a grandeza deste dia era pouca toda a grandeza temporal, nelle nasceraõ Religiosa, Ecclesiastica, e Sagradamente dous Vigarios de Christo, Simplicio, e Dono II. e nelle se coroou Joaõ XX. por Soberano Principe da Igreja Catholica. Não fallo em muitas victorias, que fizeraõ celebre a memoria deste dia, porque se me faz mais memoravel por apparecer nelle o Sol de còr de purpura. Julgaria o mundo, que isto seria predicção de alguma fatalidade, mas o tempo, que costuma ser o interprete, não só fiel, senão desenganoado, mostrou que aquella cor era prognostico das Sagradas vestes, com que haviamos de ver a V. Excellencia

cia assistindo no Coro.

Com o nascimento de V. Excellencia se multiplicou a alegria de seus Pays Excellentissimos, porque sendo as Cazas dos Grandes huma representação do Cèo, quantas mais são as estrellas, que o adornaõ, tanto mayor he a sua gloria. Não se diminue a luz, quando se diffunde, mas antes se faz mais digna da attenção, quando dilata por mais partes os resplandores. Os corpos opacos são a injuria da luz, porque não recebem em si a utilidade do seu beneficio; e quantos são mais os còrpos transparentes, em que imprime o seu candor, tanto mais se admira a magestade do seu imperio. Não se argumenta a fecundidade do terreno de hum só fruto, conhece-se quando são muitos. As arvores agigantadas nos troncos, e adornadas de folhas sem frutos, que as coroem, ainda que sejam pomposas para a vista,

vista , não tem utilidade. A esterilidade dos frutos sempre accusa defeito na planta , e quanto for mayor o seu numero , tanto mais estimada se fará. São os filhos a coroa dos Pays, e pelo numero das suas imagens se hãde medir a grandeza da sua Coroa.

Quem nacia , como V. Excellencia , para huma Dignidade tão grande , havia de receber o Sacramento do Bautismo da mão de hum Ministro , que estava destinado para as mayores Dignidades da Igreja. Este foy o Eminentissimo Senhor. D. Thomaz de Almeida , Prior naquelle tempo da Paroquial de S. Lourenço , e já nomeado Bispo de Lamego , que depois de Bispo do Porto , Governador das Armas , e Relação daquella Cidade, he hoje Patriarcha de Lisboa , Capellaõ Mor , do Conselho do Estado , e hum dos Padres Purpurados do Sacro Collegio do
Va-

Vaticano creado em 20. de Dezembro de 1737. pela Santidade de Clemente XII.

A tres de Outubro seguinte entrou V. Excellencia pela agua do Bautismo no rebanho de Christo, cõ o nome de Thomaz; e podendo ser em memoria de seu bisavo o Senhor D. Thomaz de Noronha III. Conde dos Arcos, seria tambem em obsequio de seu Tio o Eminentissimo Ministro daquelle Sacramento, e de cuja mão recebeo depois a Confirmação, e a primeira Tonsura. Dia foy este verdadeiramente fatidico para receber o Bautismo, porque nelle, na opiniaõ dos que affirmaraõ que Deos creara o Mundo em 25. de Setembro, foy creado Adaõ, que cometeo o peccado da desobediencia, e mais pareceo mysterio, do que acaço desaggravar V. Excellencia por beneficio daquella agua elevada o crime de quem nasceo no

D

mes-

mesmo dia para ruina moral da sua descendencia.

Desde a primeira idade foy V. Excellencia destinado para os estudos, porque as letras, como disse o discretissimo Jacinto Freire de Andrada, foraõ sempre neste Reyno o segundo Morgado. Deo a natureza a V. Excellencia hum genio taõ docil para os estudos, que bastava encaminhallo com suavidade, porque a percepção era taõ clara, que fazia inuteis, e escusadas as advertencias dos Mestres. Adiantouse tanto no primeiro tempo, que aos quinze annos incompletos passou a Evora no mez de Abril de 1721. e entrou no Collegio da Purificação, aonde com o suave, e doutissimo Magisterio dos Padres da Companhia de Jesus aproveitou de sorte, que em Dezembro de 1722. que era o primeiro Curso, defendeo Conclusões Dialecticas, e outras Physicas em 18. de

de Mayo de 1723. no segundo Curso, até que em Fevereiro do seguinte anno de 1724. fez Bacharel em Filosofia naquella Universidade, que tem sido Seminario de grandes, e excellentes engenheiros, de que he testemunha todo este Reyno.

Naõ deixarey em silencio o que em Junho de 1722. succedeo no Real Collegio da Companhia de Evora, porque sabendo-se que em 8. de Mayo do mesmo anno se coroára com a Tiara o Eminentissimo Cardinal Miguel Angelo Conti, que fora Nuncio nestes Reynos de Portugal, quiz mostrar aquella doutissima Universidade o quanto estimava esta eleição. Para este fim deo a direcção daquelle publico applauso ao P. Antonio de Almeida, tão eminente Poeta, que parece que reynava no Parnaso. Para esta solemnidade se fazer mais digna de attenção se distribuirão os papeis daquella Comica

Representação pelos Fidalgos, que se achavaõ nos estudos da Companhia, e mostrou V. Excellencia huma viveza taõ superior aos annos, que o que representava, parecia natural.

Ja o Real Collegio de Coimbra chamava a V. Excellencia para seu Porcionista com o exemplo de D. Lopo de Almeida da Casa de Abrantes, com os dos Excellentissimos, e Reverendissimos Senhores D. Diogo Principal Almeida Portugal, e D. Francisco Principal Almeida Mascarenhas, e com os domesticos de seu Tio o Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha, e do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Joaõ Principal Almeida Alarcão, Irmão de V. Excellencia. He grande a sympathia, que tem os semelhantes com os semelhantes. Hum homem, que como V. Excellencia havia de chegar ao grão heroico pelos estudos da sua profissão, naturalmen-
te

te havi de procurar o Collegio Real, porque delle tem sahido Varões taõ infignes , e doutos , que excederaõ na realidade a tudo quanto fingio a ambiciosa eloquencia da mentira.

Nem todas as terras são igualmente fecundas. Não basta a fecundidade de hum terreno , para que outro produza semelhantes frutos. A divisaõ de hum muro faz algumas vezes a mesma divisaõ na qualidade das producções. Nem todas as terras são preciosos berços dos diamantes , nem a todas se lhes communica esta estimavel propriedade , porque se o criallos huma fosse premiffa necessaria de os criarem as outras, communicar-se-hia a todas o mesmo privilegio , e perderia a gloria de singular pela vulgaridade de commua.

Ao mesmo tempo que a celebrada Athenas se levantou com a primazia das sciencias , não faltavaõ homens doutos em outras partes da Grecia:

Grecia: mas eraõ taõ excellentes, os que se criavaõ nas Escolas de Athenas, que mereceraõ o principado da Sabedoria em todo o mundo. O Collegio Real da Universidade de Coimbra, que fundou a Magestade devotissima do Senhor Rey D. Joaõ o III. e o dedicou ao Apostolo São Paulo, e que merece de justiça o nome de Athenas Portugueza, tem produzido Varões taõ illustres, que ainda depois da sua morte se não cansa a Fama de celebrar os seus nomes. Desatou a morte a uniaõ entre as almas, e os corpos; mas a pezar desta necessaria separaçãõ vive a prudencia, e doutissima affabilidade de hum D. Rodrigo da Cunha, de hum D. Luiz de Sousa, e a generosa inteireza de hum Rodrigo de Moura Telles, todos tres Primazes de Espanha como Arcebispos da illustre Braga, a liberalidade de hum D. Affonso de Castello Branco, e as virtudes de hum

hum D. João de Mello Bispos de
Coimbra, e Condes de Arganil; a
erudição Canonica de hum Martim
Affonso de Mello, e de hum João
de Mendoza Bispos da Guarda, de
hum Lourenço Pires de Carvalho,
e de hum Dom Francisco de Sousa
Commiffarios Geraes da Bulla da
Cruzada; a constancia de hum Pe-
dro Vieira da Sylva, Secretario do
Estado, e Bispo de Leiria; a politi-
ca de hum Roque Monteiro Paim,
Secretario de ElRey, e de hum
Pantaleão Rodrigues Pacheco Bispo
eleito de Elvas, as letras de hum
Gonçalo de Meirelles Freire, de hum
Manoel Delgado de Matos, de hum
Paulo Carneiro de Araujo, de hum
João Lamprea de Vargas, de hum
Jozè de Sousa de Castello Branco,
de hum Manoel da Cunha Sardinha,
de hum Miguel Fernandes de An-
drada, de hum Bernardo Pereira da
Sylva, de hum Alexandre Ferreira,
e fi-

e finalmente de hum Manoel Rodrigues Leitaõ, que fugitivo da estimaçaõ do mundo se recolheu na Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa, e della se retirou para a Cidade do Porto, aonde fundou a Casa, que alli tem a mesma Congregaçaõ, singularmente favorecida pela generosidade do Eminentissimo Senhor Cardinal Patriarcha, quando era Prelado daquella Diecesi.

Ao grande Doutor da Igreja S. Paulo deve Portugal este tesouro literario, porque deve de ser propriedade do seu nome coroar este Reyno de felicidades. Da Capitania de S. Paulo começaraõ a fahir para Portugal os tesouros da America: esta foy a primeira fonte, de que manãraõ as muitas riquezas, que por meyo da Naçaõ Portugueza se communicaraõ a Europa. Naquella Provincia se descobrio modernamente o que ignoraraõ os antigos, e se expoz

poz aos olhos do mundo o que por grande numero de seculos esteve occulto à ambição humana. A Capitania de S. Paulo deu occasião a que se vissem muitos homens em huns paizes, que pela ignorancia da sua preciosa fecundidade estavaõ desertos, e obrigou a que se fizessem Colonias, aonde viviaõ feras, para arrancarem das entranhas da terra, o que ella escondia, mais desconhecida, do que avarenta.

Para satisfazer à inclinação, e para desempenhar o exemplo, tomou V. Excellencia as Insignias de Porcionista do Collegio Real em 7. de Dezembro de 1724. sendo Vice-Reytor o Doutor João de Moura de Gouvea, dia ja memoravel para a Excellentissima Casa de Avintes, pois nelle no anno de 1716. confirmou a Santidade de Clemente XI. em Patriarca de Lisboa Occidental ao Eminentissimo Senhor D. Tho-

E

maz

maz de Almeida. Creceraõ os estudos com a competencia , que costumava produzir doutissimas utilidades , e para mostrar , que a mudança de huma para outra Universidade lhe fazia mais prompto o que aprendera na primeira , em Março de 1725. defendeo V. Excellencia Conclusoens da mayor parte da Filosofia , dedicadas à Senhora da Purificação , como publico manifesto do seu agradecimento , ao Collegio de Evora , que tem por titulo este Mysterio , porque nelle aprendeo esta sciencia , que he a porta de todas , e logo a 13. de Junho seguinte tomou em Coimbra o grão de Mestre em Artes , conferido pelo Doutor Antonio de Andrada Rego, Collegial do mesmo Real Collegio, Lente Jubilado na Cadeira de Decreto , Conego Doutoral da Sé do Algarve, do Concelho de Sua Magestade, e do da sua Real Fazenda, Depu-

Deputado das Juntas, e Estados das Serenissimas Casas de Bragança, e do Infantado, e Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza.

Quem o observar com attenção, verá que fez V. Excellencia este acto em hum dia certamente myste-
rioso, qual foy o de Santo Antonio, mayor honra da nossa Patria, primeira gloria de toda Italia, porque Santo Antonio estudou em Portugal, e mostrou os tesouros da sua erudição em terras distantes do berço, em que nascera. Deu-lhe a V. Excellencia o berço a grande Cidade de Lisboa fecunda mãy de heroicos filhos: aprendeo em Evora os delicados segredos da Filosofia, passou a Coimbra, para que visse com admiração aquella celebre Academia, o como V. Excellencia se tinha adiantado ao tempo nos estudos. Ja em Evora era V. Excellencia grande,

Eii

foy

foy ser mayor a Coimbra. Ha frutos , que melhoraõ com a mudança do clima , e não he maravilha que succeda o mesmo aos frutos do entendimento.

Como consequencia do grão de Mestre em Artes no seguinte anno de 1726. examinou V. Excellencia Bachareis em Filosofia. Venerava-se a sciencia de Mestre, temia-se a subtiliza, não a cavillação dos argumentos , porque huma he defeito , que descobre vicio na intensão , a outra he agradavel , porque mostra a viveza do engenho. De homem tão grande não se podia esperar o que fosse ruina , se não o que fosse gloria dos examinados. Fazer a sua fortuna com a desgraça alheya he de animos viz: nem pode ser felicidade o riso entre as lagrimas de muitos. Sejam os Grandes como o Sol, de quem he huma resplandecente imagem , que sem diminuição , ou abatimen-
to

to da sua grandeza pôde deixar a severidade pela clemencia, e podem ser benignos sem injuria do respeito.

Resoluto pois V. Excellencia a seguir a vida Ecclesiastica, se dedicou inteiramente ao estudo da Theologia, não sem a victoria de repetidas contradicções, a que fazia mais perigosas hum abuso disfarçado com o pretexto de costume. Todas as sciencias são dignas de estimação. Com os Sagrados Canones se governa a Igreja, e com as Leys Civis se conservaõ as Monarchias; mas que comparação tem huma, e outra sciencia com a Theologia, cujo objecto he Deos, de cuja fecundidade he toda a terra huma sombra, de cuja bondade he huma gota o mar, de cujo amor he huma faísca o fogo, de cuja grandeza he hum vestigio o Ceo, de cujas virtudes são hum compendio as Estrellas, de cuja luz he
o Sol

o Sol hum rayo, de cuja immensidade he hum ponto o Empyreo , de cuja sabedoria são huns atomos os Anjos , e de cuja Eternidade são huns instantes todos os seculos possiveis ? Que estudo mais elevado , que o de hum Theologo ? Quando falla da Omnipotencia , està vendo a creação do mundo tirado pelo divino poder da confusão do Chãos, para se verem nelle, como em theatro , as virtudes de huns , e as maldades dos outros : quando falla da Providencia , està vendo o como governa o mundo , e o como attende a todas as creaturas em commum , e a cada huma em particular com suavidade, e fortaleza: quando falla da Justiça , està vendo como a administra recta , e necessariamente sem dependencia de informações , e sem attenção à qualidade de pessoas : quando falla da sua Misericordia , està vendo o como se compadece

padece dos peccadores sem aggravo da Justiça : da Liberalidade, dando tudo sem detrimento do que he proprio : da Independencia , não necessitando de nós , do Amor , quando decretou a morte de hum Filho innocentissimo para Redemptor de hum mundo peccador ; e da Salvação , e Condennação , quando discorre da Predestinação , de cujo horroroso segredo aflustados grandes Theologos lhes cahiraõ as penas das mãos , e recorreraõ timidamente discretos à Piedade Divina, defenganados do pouco , que podem as especulações humanas em ordem à Eternidade.

Atè em V. Excellencia se applicar ao sagrado estudo da Theologia mostrou a sua singularidade , por serem rarissimos os Fidalgos, que seguem esta profissão. Desde o dia 15. de Novembro de 1715. atègora não vio huma Universidade taõ famosa, como

como a de Coimbra, outros Lentes Theologos , que fossem Sacerdotes Seculares , mais do que dous Collegiaes do Collegio Real : hum foy o Illustrissimo D. Luiz de Soufa Arcebispo Primaz , Embaixador Extraordinario a Roma , e Concelheiro do Estado , e o outro foy o Illustrissimo D. Joaõ de Soufa de Carvalho , Bispo de Miranda, digno pelas suas letras , pela sua discriçaõ, e pela sua prudencia de mayores dignidades. Naõ sey que mereçaõ mais applicaçã as Leys , e os Canones ainda que sagrados.

Em quanto continuavaõ os estudos, recebeo V. Excellencia em 10. de Março de 1731. as Ordens Menores, e de Epistola na Cidade de Coimbra, conferidas pelo Bispo de Angola D. Luiz Simões , Vigario Capitular daquella Diecesi ; e a 19. de Mayo seguinte lhe conferio o mesmo Prelado a do Euangelho.

Ja

Ja era tempo, que todo aquel-
le congresso Academico visse a co-
roa dos grandes progressos, que V.
Excellencia havia feito na Faculda-
de Theologica. Tinha visto que no
dia 11. de Fevereiro de 1729. defen-
dera V. Excellencia Conclusões da
Essencia, e *Attributos Divinos*: tinha
visto que em 7. de Mayo seguinte
defendera humas nobilissimas Con-
clusões, em que theologica, e his-
toricamente discorrera pela *Vida de*
São Paulo, debaixo de cuja santissi-
ma, e doutissima Protecção florece
a Archiathenas Portugueza, o Col-
legio Real: tinha visto que em 13.
de Janeiro de 1730 defendera o tra-
tado da *Graça Auxiliante*, patroci-
nando estes tres Actos o Excellen-
tissimo, e Reverendissimo Padre
Mestre, o Doutor Fr. Miguel de
Tavora, que depois de Vigario Pro-
vincial da autorizadissima Religião
dos Eremitas de Santo Agostinho, e

F

Len-

Lente de Prima de Escriitura na Universidade de Coimbra , està eleito Metropolitano de Evora , e que na tarde do mesmo dia sustentara outras Conclusões da *Predestinação*, presididas pelo Padre Mestre, o Doutor Fr. João do Valle (Eremita da Congregação de Portugal chamada de São Jeronymo, pela piedade , e devoção do Instituidor, a que ha poucos annos se lhes dà o titulo de Monges , por Breve de Benedicto XIII.) Lente de Theologia na mesma Universidade de Coimbra : e que a 18. de Janeiro de 1731. defendera duas Conclusões , humas da *Encarnação*, e outras da *Santidade de Christo*: e que a 27. de Fevereiro do mesmo anno defendera Conclusões do *Bautismo*, sendo Presidente destes tres ultimos Actos o mesmo Excellentissimo, e Reverendissimo Padre Mestre , o Doutor Fr. Miguel de Tavora : e que para o Acto chamado *Augustiniana*

niana feito em 9. de Mayo daquel-
le anno defendera V. Excellencia na
Sala do Real Mosteiro de Santa Cruz
por espaço de todo o dia sem Pre-
sidente nove tratados Theologi-
cos, e esperava com acclamação,
argumentando dos successos passados
os futuros, que V. Excellencia fizes-
se o Acto dos Quotlibetos. Não se
enganou, porque outra vez no mes-
mo Real Mosteiro de Santa Cruz
appareceo V. Excellencia a cinco
de Julho, e presidindo-lhe o mesmo
Padre Mestre, o Doutor Frey João
do Valle, propoz V. Excellencia
oito questões, quatro Theologicas, e
quatro Expositivas, em que mostrou
que o engenho competia igualmen-
te com a sciencia, porque elegen-
do para assumpto das questões Ex-
positivas quatro Heroes sagrados do
seu nome, disputou na primeira, se
a anthonomazia de Doutor Angeli-
co, que a Igreja dà a Santo Tho-

F ii

maz

maz de Aquino, foy merecida por
fer homem entre os Anjos, ou por
fer Anjo entre os homens: na se-
gunda se aquella gloriosa victima da
liberdade Ecclesiastica Santo Tho-
maz Arcebispo de Cantuaria fora
mais feliz tendo propicia, ou con-
traria a Magestade de Henrique II. de
Inglaterra: na terceira, se Santo
Thomaz de Villa Nova Arcebispo
de Valença tivera mayor cuidado
em juntar, do que em dispendar as
rendas Ecclesiasticas em beneficio
dos pobres: e na quarta finalmen-
te em que Universidade florecera
mais Santo Thomaz Bispo de Her-
fordia, se na de Pariz, como Estu-
dante, se como Doutor na de Oxo-
nia; o que tudo ponderou V. Ex-
cellencia com razões tão solidas, e
tão eloquente estylo, que deixou em
duvida se era mayor a sentença, do
que a elegancia dos problemas.

Faltava o Exame privado, e à
pri-

primeira lição de hora, e meya, e à segunda de meya hora satisfez V. Excellencia em 16. de Julho de 1731. com tanto applauso dos Mestres, como quem estava costumado a merecello sempre em todas as acções publicas, em que não devendo nada à cortezania da lizonja, tudo deveo à rectidão da justiça.

Com estes repetidos, e estudiosos preludios tomou V. Excellencia o Capello de Doutor na Sagrada Faculdade de Theologia em 29. de Julho de 1731. da mão do Cancellario da mesma Universidade, o Reverendissimo Padre D. Joachim da Gloria, Prior Geral da Illustrissima Congregação de Santa Cruz de Coimbra, de cuja autorizadissima Dignidade he inseparavel a outra por privilegio, que lhe concederaõ os nossos Reys, não menos pios, que generosos.

No espaço de seis mezes mostrou

trou V. Excellencia mayor activi-
dade , do que o Sol , que he a ima-
gem dos Sabios , porque elle para
fazer hum giro a todo o mundo lhe
he necessario o periodo de hum an-
no , e V. Excellencia em metade
deste tempo correo com immortal
gloria do seu nome a perigosa Ecclly-
ptica dos estudos Scholasticos , por-
que os Sabios podem dominar os
astros , não com a efficacia da for-
ça , mas com a delicadeza do en-
genho.

Porèm se toda aquella doutissi-
ma Universidade se admirou da pro-
funda sabedoria de V. Excellencia,
parecendolhe impossiveis tantos ac-
tos literarios no breve espaço de seis
mezes , ficará satisfeita , quando re-
parar que V. Excellencia pela ethy-
mologia do seu nome corresponde
a dous homens , que isto significa
o nome de Thomaz , e sempre se
deve esperar hum grande excesso
de

de quem tem duplicada virtude. Se Hercules , sendo hum milagre do valor , não podia resistir a dous , quem se poderá comparar com V. Excellencia , que representa dous em hum só individuo ?

Agora que vejo a V. Excellencia laureado com as candidas Insignias de Theologo , devo dizer , que a imposição do nome de Thomaz foy mysterio , não foy memoria. Não foy acaso chamando-se V. Excellencia Thomaz, dedicar-se ao estudo da Theologia , para que deste modo tivesse Portugal hum Thomaz de que se pudesse gloriar, como Napoles do seu. Chegou finalmente V. Excellencia a graduar-se em Theologia com a continuação das Escolas , com o exercicio dos actos , com o fervor dos argumentos , e com o applauso dos ouvintes. Graduouse, mas depois de ter sondado os mares das heregias , que combatem a in-

contraf-

contrastavel Nào da Igreja , depois de ter examinado as cavillações dos Rabbinos , depois de ter dissipado a nevoa de tantas feitas , e depois de ter descoberto a verdade por entre o denso fumo de toda a sorte de obstinada ignorancia. Graduouse , mas depois de ter convencido o dissimulado artificio dos Sofismas , depois de ter devorado com a força do engenho a medulla de tão alta sciencia , e depois de ter cortado os apertadissimos nós das difficuldades com a valerosa espada do seu discurso.

Se V. Excellencia não estivera destinado para outros ministerios , por cujo respeito não seguiu as Cadeiras , desempenharia com os escritos ao mesmo Sagrado Doutor, de quem tem o nome : porèm persuadido por seu Cunhado o Senhor Manoel Antonio de Sampayo , e Mello, Senhor de Villa Flor , que presentou

sentou em V. Excellencia a Abba-
dia de Santa Comba na Villa de Cha-
cim Bispado de Miranda, em 20. de
Setembro de 1731. em que compria
vinte e cinco annos de idade, fez
com applauso o Exame Synodal, a
que se seguiu a Collação, e a posse,
e a 22. do dito mez se ordenou de
Sacerdote pela mão do Illustrissimo
D. João de Sousa de Carvalho Bis-
po de Miranda, e logo a quatro de
Outubro seguinte celebrou V. Ex-
cellencia a primeira Missa na sua
Igreja.

Dizer o como V. Excellencia
praticou as obrigações de Parocho,
que são mayores do que parecem,
não he necessario que eu o diga: bas-
ta dizer, que achando V. Excellen-
cia a sua Igreja tão arruinada, que
só o parecia em o nome, porque
huma grande porção das paredes
estava tão tosca, que mostrava a
pedreira sobre que se continuou o
G edifi-

edificio: e o pavimento taõ descomposto, e desordenado, que representava terem cahido humas pedras sobre outras pedras. A tudo acudio V. Excellencia naõ menos religioso, que liberal, porque mandando desbastar a natural grosseria das paredes, as ornou, e igualou com as outras, e depois de lagear a Igreja, a mandou cobrir com estrados para mayor commodidade dos Freguezes. Fez Retabolo novo, reparando com elle a indecencia do antigo, e porque a Sachristia por pequena, escura, e baixa passava de indigna a incapaz, mandou fabricar outra nova com grandeza, e muita luz, que recebe de duas fermosas janellas, que se lhe abriraõ. Naõ se satisfez o zelo de V. Excellencia com estas obras, mas reparando que a praça, em que todos os mezes se fazia a feira pela vizinhança da Igreja servia de notavel perturbaçaõ aos que celebra-
vaõ

vão os Officios Divinos , ordenou que se fabricassem em proporcionada distancia grandes alpendres , em que a Igreja não interessou pouco nos alugueis , de modo que attendeo à decencia do culto Divino com utilidade da mesma Igreja.

Naõ se esqueceo V. Excellencia do povo , que lhe deveo vigilancia de Pastor , e amor de Pay , porque vendo que havia hum campo dilatado sem cultura, o mandou repartir por sortes entre os moradores , em que fabricaraõ vinhas , que lhes servem de lucro , e de recreação. Ainda aquelle povo deveo mais a V. Excellencia em materia taõ importante , qual he a reforma dos costumes, porque achando-o com algum habito , que he a ruina infallivel das casas por se exporem à sorte os meynos da sua conservação , foraõ taõ efficazes os conselhos de V. Excellencia, animados

com o seu exemplo, que extirpou totalmente hum vicio, cujo remedio costuma ser taõ difficuloso, como o diz a experiencia. Grande seria a felicidade dos povos, se os Parochos aprendessem de V. Excellencia semelhantes accões para as praticarem em beneficio dos seus rebanhos. Mas o que eu não ley declarar, differaõ com estylo tanto mais eloquente, quanto mais natural, as enternecidas, e copiosas lagrimas dos seus Freguezes, quando V. Excellencia se despedio delles em quatro de Outubro de 1733. em que voltando para Lisboa, o Eminentissimo Senhor Cardeal da Cunha, Inquisidor Geral, o fez Deputado do Tribunal do Santo Officio nesta Corte, de que tomou a posse em 7. de Abril de 1734.

Neste rectissimo Tribunal estava V. Excellencia dando repetidos argumentos da sua gravidade, da sua
sua

sua prudencia , e das suas letras , quando a Magestade de ElRey Nosso Senhor querendo prover os lugares , que estavaõ vagos na Santa Igreja Occidental , que são do seu Real Padroado , se dignou de nomear a V. Excellencia por Principal da mesma Igreja na tarde de 2. de Outubro de 1738. que sendo dia fausto nas observaçoens dos antigos , será faustissimo por esta eleição na memoria dos presentes , e na tradição dos futuros.

Teve muito de estimavel esta eleição não menos pelo modo , que pela singularidade , porque sendo attenção à grandeza do Tio , tambem foy premio do merecimento do Sobrinho. Fez-se estimavel a eleição pela singularidade , porque foy distincta, e separada das outras eleições de Fidalgos , que se fizeraõ para semelhantes Dignidades , porque os mais foraõ chamados no dia
fe-

seguinte 3. de Outubro a Casa do Secretario do Estado Pedro da Motta , e Sylva , e nella lhes declarou a mercè , que Sua Magestade lhes havia feito: de sorte que para distincção bastou hum dia de preferencia que houvesse. Pelo modo , porque o Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha teve aviso levado pelo Reverendo Padre João Antunes Monteiro, Prior de São Nicolão , benemerito pelas suas virtudes da estimação de toda esta Corte , para que Sua Eminencia desse esta noticia a V. Excellencia , que naquella hora se achava no sitio da Junqueira assistindo às festas , com que na presença de Suas Magestades , e Altezas, e por consequencia de toda a Corte, a mais illustre Nobreza de Portugal celebrava os annos da Serenissima Senhora Princeza do Brazil. Mandou Sua Eminencia o avizo conforme a ordem , que tivera , e como

V.

V. Excellencia o recebeo em occasião tão publica, logo se rompeo a noticia de mercê tão grande, pelo que no mesmo acto beijou a mão a Sua Magestade toda a Corte, parte interessada pelas razões do parentesco, parte pela obrigação politica do obsequio.

Para a posse desta grande Dignidade se destinou o dia quarto de Dezembro do mesmo anno, a que concorreo tanto numero de Fidalguia, que parece que triunfava Portugal, e para fazer ainda mais celebre aquelle acto, era o dia dos Annos da Serenissima Senhora D. Maria Barbara Princeza das Asturias, e por duplicados motivos beijou a Corte a mão a Suas Magestades, e Altezas. Ainda este dia tinha para a Casa de V. Excellencia huma circumstancia de grande estimação, porque nelle no anno de 1716 declarou Sua Magestade, que tinha

V. no-

nomeado para primeiro Patriarcha de Lisboa Occidental ao Eminentissimo Senhor D. Thomaz de Almeida.

A mesma Antiguidade me dà outro grande mysterio neste dia , porque era dedicado a Mercurio , a quem venerava na figura de hum moço de rosto alegre , e de olhos vivos , mas sem braços , posto sobre huma baze quadrada , como Symbolo de constancia, de firmeza, e de estabilidade , representando nas quatro faces da baze as quatro partes do mundo , as quatro Estações do anno , os dous Equinoctios , e os dous Solstitios , ou tudo junto. Entendiaõ que Mercurio era o Sol, e que por este Planeta ser o hieroglyphico dos Sabios , não lhe eraõ necessarios os braços , porque para os homens doutos encherem ao mundo de admiração, só lhes bastava a cabeça , eraõ ociosos os braços.

Cha-

Chamavaõ Hermes a esta Estatua de Mercurio, que he o mesmo, que Trimegisto, ou tres vezes grande. Parece que ideavaõ esta posse neste dia, porque só no dia, que era dedicado a Mercurio, Deos das sciencias, podia começar a resplandecer com esta nova Dignidade hum homem taõ constante, taõ douto, e taõ prudente, como V. Excellencia, a quem venèra todo este Reyno tres vezes grande: grande pelo illustre do sangue: grande pelo profundo da sciencia, e grande pelo elevado da Dignidade. Com ella tem V. Excellencia o titulo de Principal, que corresponde a Principe, como hà muitos seculos observou Velleyo Paterculo, e se fez este titulo taõ estimavel, e respeitado, que se reservava para os Cesares, que era a Dignidade immediata aos Augustos, como futuros herdeiros da grandeza, e magesta-

H de

de do Imperio. Não merecia menos titulo huma Pessoa tão grande, como V. Excellencia, que nasceo para gloria dos Excellentissimos Ascendentes, de quem he Neto, e para decòro, e autoridade da Igreja, de que he Principal.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

*Disse.*